

Atmos Roca
A casa á beira de estrada

NEM todas as casas abandonadas são casas assombradas. Contudo, uma casa abandonada há muitos anos é, por via de regra, suspeita de estar sob a alçada do sobrenatural. Eis porque, quando me apontam uma casa onde, há muitos anos, ninguém vive e, sobretudo, onde, há muitos anos, alguém morreu em circunstâncias anormais, logo experimento indefinível mal-estar, porque logo se instila em mim a convicção de que, nessa casa, algo de abscondito se passa. Sei de casas fechadas, em cidades, vilas e aldeias, que ninguém habita porque, no expressivo asserto do povo, têm coisa ruim. O melhor, em casos tais, para os respectivos proprietários é demoli-las e, nos lugares que ocupavam, edificar outras. Se estavam, realmente, assombradas — e a *voz populi* não costuma enganar-se muito a tal respeito —, a assombração, por via de regra, desvanece-se e cessa de se manifestar. Os espectros caseiros parece interessarem-se, sobretudo, pelos ambientes familiares. A influência telúrica só é verdadeiramente forte quando actua nos domínios do quotidiano, do permanente, do conhecido. Quando o novo substitui o velho, a influência telúrica diminui e, na generalidade dos casos, extingue-se.

A história que vou contar e nada tem que ver, directa, ou indirectamente, comigo ou com alguém da minha família entrosa na generalidade dos casos a que me refiro. Recolhi, há muito, de outiva, os seus pontos fundamentais de comego, meio e fim e, por simples capricho do seu contador, vai ser contada, também, na primeira pessoa do singular. Não se esqueça, porém, a consabida sentença: quem conta um conto acrescenta um ponto... Nas suas linhas gerais, no entanto, o mistério da casa fechada e abandonada é aquele que, na realidade, é do meu conhecimento pessoal.

Quando, pelo mero gosto de caminhar, empreendia a longa caminhada entre a vila de X e a aldeia de Y, no Minho, era forçado a passar por uma estrada vicinal de trânsito restrito que, precisamente nas proximidades da aldeia de Y, assumia foros de rua, sendo de avenida, tão larga e bem tratada era. Três ou quatro famílias locais tinham ali as respectivas moradas. E, como só a gente rica fizera dali a sua zona residencial, as casas ali existentes eram todas mais ou menos apalagadas. A primeira com que se deparava, no caminho, à esquerda, para quem ia da vila para a aldeia, ficava muito afastada não só das demais mas também da povoação. Saía-se da zona densamente arborizada (as matas de eucaliptos e as bouças de pinheiros predominavam na arborização) e entrava-se, quase sem transição, na zona escassamente plantada de árvores, que tomava aspectos de rua ou, talvez melhor, de avenida. Era, mesmo, por avenida que a gente do sítio a designava, conferindo-lhe, assim, uma categoria com que ela, oficialmente, não se abonava.

A casa a que me refiro situava-se nos limites da estrada vicinal propriamente dita, beneficiando, em parte, da sombra dos últimos eucaliptos marginais, e da tal avenida de que era o primeiro edifício. Uma parte do terreno pertencente a este estava ainda na zona de sombra da estrada vicinal propriamente dita. Outra parte respeitava já à zona urbanizada. Entre essa casa e a mais próxima medevam uns, bons quinhentos metros, para

mais que não para menos. Ficava, portanto, assaz isolada. Um grito dado nela dificilmente seria ouvido na seguinte.

A ajunzar pela aparência exterior, era a mais importante e a mais antiga de todas. As outras eram casas de gente de posses, de fachadas mais ou menos arrebiçadas, de mais ou menos bom gosto. Mas a única verdadeiramente apalagada era aquela a que me refiro. Pelos meus cálculos, um tanto superficiais, claro está, não teria menos de uns cento e cinquenta a duzentos anos de existência. De que era do século XVIII não havia que duvidar. Da parte da frente, era de um só pavimento, bastante alto, porém. Da parte de trás, era de dois andares, normais de aspecto. A fachada principal era de um barroco elegante, sem os caprichos característicos de tal estilo. Porta ao centro, a que se acedia por uma escada de pedra de uma dúzia de degraus. Duas janelas de cada lado, todas de dois batentes. Nenhuma tinha as vidraças intactas nos caixilhos. Por trás, viam-se portas de madeira fechadas, talvez pregadas por dentro. A um dos lados da fachada principal, uma chaminé de fogão de sala apurava-se, discretamente boleada na base. A cor da fachada principal, primitivamente, fora, talvez, cinzenta. Agora, desbotada pelo sol e pela chuva de muitos anos, era indifinível de cor. Apesar, porém, da incúria dos homens e das injúrias do tempo, era de uma dignidade impressionante. Via-se bem que os antigos moradores daquela mansão senhorial haviam sido não só gente abastada em haveres mas também gente qualificada em senhoria.

Quando passava por aquela casa, em cujos terrenos laterais e fronteiro se estadeavam árvores de grande porte, nomeadamente duas frondosas acácias que se postavam, como graves sentinelas, nas duas esquinas do edifício, não raro me detinha em frente dela, para a mirar e remirar. Sabia que estava abandonada, mas nada mais sabia. Ignoro porque, uma sensação desagradável acompanhava a minha habitual contemplação. Nunca me interessei, porém, por saber a razão daquele abandono. Não era, certamente, a única casa do meu conhecimento em tais condições, mas era, para mim, a mais impressionante de quantas conhecia. Contudo,

não dava um passo para indagar porque permanecia fechada, a deteriorar-se, paulatinamente, não só por fora mas também, com certeza, por dentro. Não fosse resistente, não fossem sólidos os materiais da sua construção, e estaria, haveria muito, em ruínas. Não desgostaria de saber quem a habitara, como fora, outrora, mas a minha curiosidade não era bastante forte para ser satisfeita. Por isso, passava, parava, olhava — e continuava a andar. Quando alcançava a zona mais povoada da estrada-avenida, uma sensação de alívio sobrepunha-se à de opressão que a casa abandonada sempre me causava. Até que, um dia...

Um dia, fortuitamente, perguntei a um médico da vila meu amigo que me acompanhava no passeio *pedibus calcantibus* estrada fora, se sabia por que estava fechada aquela casa, grande como era e bela como fora, sem dívida. O meu companheiro logo manifestou a sua estranheza perante a minha ignorância.

— Então, você, que tem passado por aqui tantas vezes, não sabe que esta casa está assombrada?!

Claro que não o sabia. Se o soubesse, não teria feito aquela pergunta.

— Pois não creio que haja, aqui pelas redondezas, bicho careta que não saiba que, nesta casa, acontecem coisas medonhas e inexplicáveis. Quem passa por aqui, de noite, vê e ouve coisas de pôr os cabelos em pé. Pelos vistos, você nunca passou por aqui, de noite.

Não, nunca passara. De dia, apenas. Mas a verdade era que, sempre que por ali passava, como naquela mesma ocasião, experimentava um mal-estar indefinível, não só moral mas também físico.

— É a influência telúrica, meu caro. Comigo acontece a mesma coisa. De noite, tenho de lhe confessar que não passo por aqui. Passei uma vez e chegou para não desejar repetir a passagem. Olhe bem para mim. Não estou pálido? Efectivamente, estava.

— Vamos andando, que eu conto-lhe tudo quanto sei. Fomos andando, estrada-avenida fora. Parámos na aldeia e, como a tarde estava quente, abancámos no modesto café local, quase vazio àquela hora, e mandámos vir cerveja. Enquanto bebíamos, o meu companheiro foi contando.

— Num sábado, à noite, vai para dez anos, tive de vir aqui à aldeia, em serviço profissional. Um pobre homem fora acometido de doença súbita e requiriam a minha comparação urgente. Caso de vida ou de morte. Não podia nem devia deixar de vir. Tinha o meu carro na oficina, em reparação, e, como estava uma noite maravilhosa (era de Verão, como agora), montei na velha bicicleta e ala. Quando ia, precisamente, a passar em frente daquela casa, que sempre conhecera abandonada e fechada e acerca da qual tinha ouvido umas vagas histórias de almas do outro mundo, notei que as janelas do lado esquerdo estavam abertas de par em par e, dentro, havia fatura de luz. Ouvi-se música. Estupefacto, mas não atemorizado, apei-me da bicicleta e aproximei-me do muro baixo e gradeado. Certo, não passava ali havia bastante tempo e talvez aquela casa tivesse deixado de estar abandonada e fechada. Verifiquei que as janelas do lado direito permaneciam fechadas e a cair de poderes. Recordo-me bem, como se fosse hoje, de todos os pormenores daquilo a que assisti. A música era de piano. Tocavam uma polca. Sim, hei-de jurar que era uma polca. Com as mãos no guiador da bicicleta, espartado no mais alto grau, deixei-me alifiar, quieto e calado, a olhar para as duas janelas iluminadas e a ouvir aquela música endiabrada. Não se via ninguém. Contudo, chegava-me aos ouvidos um sussurro de pés no soalho do salão. Porque aquela dependência da casa era, certamente, o salão, demais que, no telhado daquela parte do edifício, lá estava a chaminé do fogão de sala a demonstrá-lo. Estava a estranhar não ver ninguém, quando a música cessou a um par assumou a uma das janelas. Digo um par porque eram, indubitavelmente, um homem e uma mulher. Do ponto onde eu estava, via-os, perfeitamente, demais que a luz os iluminava em cheio. Pareciam muito enlevados na contemplação um do outro e, por isso, não deram mostras de reparar em

mim, que os olhava, fixamente, da berna da estrada. A dada altura, porém, as duas cabeças, voltadas uma para a outra, voltaram-se para o lado de fora. Então, pude vê-las tão bem como o estou a ver a você.

Fez uma pausa, para beber uma golada de cerveja, limpou a testa molhada de suor, provocado mais pela emoção interior que pela temperatura exterior, e prosseguiu:

— Não saltei logo para a bicicleta e não desatei logo a pedalar porque o terror paralizou-me e tirou-me, completamente, as forças. Fiquei como pregado ao chão. O meu estiojo de médico, tão grande foi o meu abalo, caiu-me de debaixo do braço. A princípio, tive a impressão de que estava a ver duas caveiras com pele e cabelo. Depois, afirmando-me bem, verifiquei que não se tratava de duas caveiras. Eram, realmente, duas caras, mas tão sumidas, tão descarnadas, tão desolhadas, tão cadavéricas que dir-se-ia pertencerem a dois esqueletos. Nisto, ouviu-se um grito que vinha de dentro, do salão. Um grito tão estridente, tão horrroso que não sei como não desmaiei ao ouvi-lo. Entretanto, à outra janela também aberta e iluminada assomou outro par. A mulher tinha o vestido rasgado no decote e o peito coberto de sangue. O homem brandia um punhal e parecia desvairado. As cabeças do outro par, do primeiro, voltaram-se na direcção da outra janela, daquela em que decorria a cena sangrenta. De repente, as luzes apagaram-se. O terror fizera-me fechar os olhos. Quando os reabri, as duas janelas abertas e iluminadas estavam fechadas e às escuras, exactamente como as do outro lado. Não se ouvia o mínimo ruído. Tudo se mostrava como sempre que ali passava, de dia. Nessa altura, tendo recuperado o movimento, e perguntando a mim mesmo se, acaso, fora vítima dum alucinação, voltei a montar na bicicleta e, sem olhar para trás, corri para aqui. Quando cheguei a casa do doente, um tal Felismino, trabalhador rural, limitei-me a verificar o óbito. Não sei como não fui acometido, também, de doença súbita. Só sei que arranjei maneira de regressar à vila, na companhia de um parente do morto e que, ao passar, outra vez, pela casa abandonada e fechada, olhei de soslaio para ela, sem

abrandar a velocidade da bicicleta. Estava tal qual como a havia deixado, pouco antes. Nunca mais tornei a passar por ali, de noite, e, quando tenho de passar por ali, de dia, como há pouco, todo eu tremo e empalideço. Encerrar com aquela casa abandonada e fechada transtorna-me. E passou-se o que lhe contei há quase dez anos!...

Realmente, notava-se bem que a evocação daquilo que vira e ouvira tantos anos antes o perturbava. Então, deu-me para lhe perguntar:

— O doutor: mas isso que viu e ouviu, nessa noite, há-de ter a sua explicação. Nunca se interessou por saber o que se teria passado nessa casa que justificasse esse fenómeno? Sim, porque não foi, certamente, nessa noite que esse baile e esse crime de morte se deram...

— Durante muito tempo, anos seguidos, não quis saber de nada nem falei a ninguém daquilo que vira e ouvira. O meu terror fora tão grande que só de me lembrar daquilo a que assistira ficava estarrecido. Como lhe disse, antes de me acontecer o que me aconteceu, tinha ouvido umas vagas histórias de almas do outro mundo acerca daquela casa. Mas, como nunca acreditei nessas coisas, não liguei importância de maior ao que tinha ouvido. Depois do que se passou comigo, então, sim, certifiquei-me de que essas coisas não eram patranhas do género das dos papões para assustar os meninos. Só muito depois dessa noite foi que me atrevi a indagar acerca dessa casa fechada e abandonada. Diz-se muita coisa, mas creio que o que tem mais visos de verdade é isto que você vai ouvir.

Fez nova pausa, para beber nova golada de cerveja. Depois, chamou o dono do café, que cabeceava com sono por trás do balcão.

— O Acácio!

O homem, abalado na sua sonolência, acercou-se, pressuroso. — Às suas ordens, senhor doutor.

— Você conhece bem a história daquela casa lá de baixo, a do fundo da avenida, não conhece?

— Bem, sei aquilo que o senhor doutor também sabe, com certeza. Uns dizem uma coisa e outros dizem outra. Eu cá entendo que as coisas se passaram como eu conto.

Puxou uma cadeira para a mesa a que estávamos sentados e contou.

— O que já o meu pai e o meu avô, que Deus tenha, diziam era isto: Um fidalgo que tinha solar em Barcelos costumava vir passar uma parte do Verão para a casa da avenida, que também era dele. Ora o fidalgo, que ainda era relativamente novo, tinha envilhado, mas andava pela beíça por uma sobrinha, que era uma rapariga de se lhe tirar o chapéu. Naquele tempo, como os senhores sabem melhor do que eu, era uma coisa muito natural os tios casarem com as sobrinhas. Basta ver o que fez o senhor D. Miguel, que casou com a filha do senhor D. Pedro, sobrinha dele, portanto. Além de muito bonita, a sobrinha do fidalgo era muito rica. Tanto o pai como a mãe já tinham morrido e não havia outro herdeiro além da moça, que era filha única. Como é bem de ver, não lhe faltavam pretendentes. Mas o tio, à fina força, queria que a rapariga casasse com ele. Cá na minha, o que lhe interessava mais era o dinheiro, não era a rapariga. Era o tutor da sobrinha e tinha-a em casa, tanto em Barcelos como aqui, como uma verdadeira princesa. Organizava caçadas em honra dela e, quando cá estava, não havia sábadô, à noite, em que não desse um baile de espavata. Parece que o fidalgo sofria da cabeça, porque lhe davam uns ataques. Quando lhos davam, era fugir dele. Dizem que dava uns gritos de pôr os cabelos em pé a quem os ouvia. Ora a rapariga, que não queria o tio para marido, embora fosse muito amiga dele, andava toda derriçada do derrigo, porque, se soubesse, não convidaria o rapaz para as festas lá em casa. Só a certa altura é que o tio começou a dar fé do que se passava entre a sobrinha e o tal rapaz de Braça. Num desses bailes de sábadô, à noite, o tio, que andava desconfiado, apanhou a sobrinha aos beijos ao namorado. Fosse por isso, fosse porque era a ocasião de lho dar, deu-lhe o ataque. Então, com a cabeça perdida, rapou dum punhal e ati-

rou-se ao rapaz como um danado. Logo que o viu estendido, atirou-se a rapariga, fazendo-lhe o mesmo que fizera ao outro. A desgraçadinha, perseguida pela fera do tio, foi acabar de morrer mesmo contra o peitoril da janela. Isto era o que o meu pai e o meu avô, que Deus tenha, contavam.

— E o fidalgo que matou a sobrinha e o namorado da sobrinha? Que foi feito dele, Acácio? — perguntou o médico, enquanto o dono do café passava o lenço pela testa.

— Dizem que se atirou ao poço da quinta e morreu do tram-bolhão. Desde então, ninguém mais quis saber da casa, que está assim há mais de cem anos. O povo diz que, todos os anos, pelo Verão, ao sábadô, à noite, as janelas do salão de baile se abrem, as luzes se acendem, se ouve música, se ouvem gritos, o assassino e a assassinnada aparecem à janela e tudo volta à mesma. Não sei se é assim, porque nunca me deu para lá ir ver. Não tenho uns nervos por aí além e não quero que me dê alguma coisa...

O dono do café, respondendo a uma pergunta minha, disse que a gente da povoação evitava passar, de noite, pela avenida, sobretudo no Verão, ao sábadô, que era quando, como essa gente dizia, o diabo andava à solta. As famílias que moravam nas outras casas da avenida mais próximas da aldeia costumavam passar o Verão na praia e, por isso, não davam fé das coisas espantosas e terríveis que se passavam na casa fechada e abandonada. Apesar disso, a família que morava na casa que ficava a cerca de meio quilómetro da outra, da assombrada, tinha desistido de já morar e a casa estava para vender, havia anos. Realmente, lembrava-me de ter notado escritos nas janelas dessa casa. Era evidente que os seus moradores tinham tido conhecimento, directo ou indirecto, de que a casa do fundo da avenida tinha coisa ruim.

— Mas a casa assombrada não tem dono? — perguntei ao dono do café.

— Tem, sim, senhor. É uma senhora de Barcelos, dum família que estava aparentada com o fidalgo. Mas não quer saber da

casa para nada. Nunca veio cá, que me conste. Casa assombrada é casa maldita. Toda a gente se afasta dela. Tomáramos nós, cá na aldeia, que ela não existisse. Só nos dá azar.

Voltei com o meu amigo médico para a vila, detive-me, com ele, em frente da casa fechada e abandonada, experimentando o mal-estar que sempre experimentava, e projectei fazer, voluntariamente, aquilo que o meu companheiro, involuntariamente, fizera.

— O doutor: estamos no Verão e, portanto, na época dos febros menos que presenciou. Como tenho os nervos sólidos e aguento bem com as emoções fortes, estava capaz de dar uma saltada até aqui, no próximo sábado, à noite. Estaria disposto a fazer-me companhia? Consigo sempre me sentiria mais à vontade. Valeu? — Não, meu caro. Venha você sózinho, se lhe apeteecer vir. Mas comigo não conte. Livra! Sei o que passei, nessa noite, e por nada deste mundo voltaria a passar por aquilo. Ainda me parece que foi ontem e já lá vão quase dez anos...

A palidez voltara-lhe, talvez mais acentuada que à ida para a aldeia. Tinha o rosto exangue e só recuperou a cor quando chegámos à vila.

Sou teimoso, além de curioso, e não há nada que me faça desistir dum propósito. Não duvidava do que o meu amigo médico me dissera e o dono do café confirmara. Queria, porém, assistir, *de visu* e *de auditu*, àquilo que me fora contado. Estava prevenido e homem prevenido vale por dois. Por muito que me assustasse, não seria caso para morrer de susto. Paciência. Tria sózinho.

O meu passeio, acompanhado, até à aldeia fora numa quarta-feira, dia feriado no concelho. No sábado seguinte, depois do jantar na pensão, sem revelar a quem quer que fosse o meu propósito, meti-me ao caminho. A noite estava muito linda e no céu, dum azul muito escuro, fulgurava uma Lua como só fulgura em Agosto, o mês por excelência dos grandes, dos deslumbrantes luas. Na estrada não havia viva alma e, como entre a vila e a aldeia medeia uma légua bem puxada, a minha caminhada não duraria menos de uma hora bem contada, pelo menos. Gosto de caminhar, encantam-me as caminhadas nocturnas pelos caminhos desertos

e não sou pessoa que se amedronte por dá cá aquela palha. Assaltos não os temia, demais que não constava que os houvesse por ali, pacata que era a gente daquelas bandas do Minho.

Fumando o meu cigarro, gozando aquele maravilhoso, lactescente luar, olhando, descontraidamente, os intermináveis campos e bocas marginais, fui andando. Cinquenta minutos depois de ter saído da vila, saía da estrada estreita e entrava na estrada larga. À esquerda, logo a seguir à derradeira mata de eucaliptos, toda caiada pela brocha do luar, lá estava a casa fechada e abandonada. As duas frondosas acácias dos dois cantos do vasto edifício, talvez porque eu não fosse a cismar noutra coisa senão em fantasmas, afiguravam-se-me dois monstros de sentinela àquela misteriosa, sinistra mansão. O silêncio e a quietação eram absolutos. Não havia a menor viração e não se ouvia o menor ruído. Os raios e as cigarras haviam emudecido. Consultei o relógio. Faltava um quarto para as onze. Tinha saído da vila demasiadamente cedo. A hora clássica das aparições é a meia-noite. O melhor, já que estava ali, seria continuar a caminhar até à aldeia e, para matar o tempo, ir tomar um café e um bagaço ao Acácio. Assim fiz. Vagarosamente, como em desafio aos fantasmas que me espiavam os passos, talvez, por trás daquelas quatro janelas quase sem vidros e de portas talvez pregadas, passei rente ao muro baixo e gradeado, mirando e remirando, como fazia quando por ali passava de dia, o palacete do fidalgo assassino e suicida. Desta vez, tenho de o confessar, a sensação de opressão era maior que das outras vezes, mais intensa, mais esmagadora. Decidido, porém, a afrontar tudo e todos, consegui vencer o mal-estar que, como sempre e mais do que nunca, se apoderara de mim e prossegui, calmamente, até à aldeia. O café, talvez por ser noite de sábado, estava quase cheio de público. Abanquei a um das poucas mesas devolutas e logo o dono, solícito, veio ter comigo.

— Então Vossa Excelência veio da vila até cá?

— Como vê, senhor Acácio.

— De automóvel, com certeza.

— Não, a pé.

—A pé! Numa noite de sábado?! Nesse caso, Vossa Excelência passou e vai tornar a passar, sózinho, pela casa assombrada?!
—Pois que remédio! E vim até cá para fazer horas. À meia-noite em ponto, quero estar em frente dela, para ver e ouvir o que lá se passa.

—Sim, senhor. Pois gabo-lhe a coragem. Aqui na aldeia, afianço a Vossa Excelência que ninguém se atreveria a fazer isso. Tomei o meu café e o meu bagaço, cavaqueei com o sr. Acácio, que quase se esquecera dos demais fregueses, tanto o assombrava a minha proeza, animei-me com a música que a Emissora Nacional transmitia pelo receptor da telefonia e, às onze e três quartos, paga a despesa, levantei-me e despedi-me do sr. Acácio.

—Vossa Excelência pode crer que me tirou o sono para toda a noite. Só de me lembrar que vai assistir àquilo até me falta o ar. Deus proteja Vossa Excelência! Oxalá não lhe aconteça nada! Não posso acompanhar Vossa Excelência, mas nem que pudesse não o acompanharia, perdoe-me Vossa Excelência a franqueza. Nosso Senhor o acompanhe!

Devagar, voltei pelo caminho por onde fora, à ida. Por mais calmo que me forçasse a estar, o meu nervosismo ia em *crescendo*. Tinha o mago de cigarros quase gasto. A uns cem metros da casa fechada e abandonada, senti e compreendi, intuitivamente, que tudo, naquela, se modificara. A minha íntima vontade era voltar para trás, mas o meu brío pessoal impelia-me a continuar. Continuei.

A uns dez metros da casa, logo vi que as janelas do lado esquerdo estavam abertas e iluminadas. De um piano vinha o som de uma polca. Consoante me ia aproximando, o susurro dos pés no soalho do salão era cada vez mais pronunciado. Olhei o relógio. Passavam cinco minutos da meia-noite. Havia perdido o início daquela *féerie* de espectros. Paciência. Assistiria ao fecho, pelo menos. Em frente das janelas do salão, parei. Não houve forças, porém, que me fizessem aproximar do muro. O peito parecia que me rebentava com as pancadas do coração. Prudentemente, se

é que este advérbio tem cabimento neste caso, cheguei-me à bermã fronteira, donde se via e ouvia, sem esforço, tudo quanto se passava naquela casa maldita.

Não tive que esperar muito pelos horribéis acontecimentos subsequentes. Tudo se passou, exactamente, como o meu amigo médico havia descrito. A dada altura, um par enlagaço assomou a uma das janelas, manteve-se, por momentos, em mutua contemplação e, depois, olhou para fora, deixando-me ver duas indescritíveis caras de defuntos. Segundos volvidos, escutei, nitidamente, o tal grito arripante, como nem nos manicômios se ouve aos doídos furiosos. Logo a seguir, o outro par assomou à outra janela. Lá estava a mulher com o vestido rasgado no decote e o peito coberto de sangue. Lá estava o homem com o punhal na mão e o ar ahucinado. Foi tudo tão rápido que não consegui fixar pormenores. Mas, como fixá-los, se o meu terror alcançara o clímax? De repente, as luzes apagaram-se, as janelas, sem eu perceber como, reapareceram fechadas e, talvez, com as portas pregadas por dentro. Tudo recaiu no silêncio e na quietação de sempre.

Não desmaiei, porque não sou de desmaiar. Não gritei, porque não sou de gritar. Sem olhar para trás, meii à estrada estreita, deixando a estrada larga onde acabava de presenciar a coisa mais pavorosa e mais inacreditável que se possa imaginar. Durante meia hora, enquanto tive forças para correr, corri. Depois, semicerrando os olhos para não ver sequer os campos e as bouças dos lados, caminhei a passo até à vila, ofegante, arrasado de corpo e espírito, ansioso por me meter na cama. Passei a noite em claro, como era de prever. No dia seguinte, fui ter com o meu amigo médico, para o pôr ao corrente daquela tremenda aventura.

—Acho que você fez mal, por um lado, em fazer por querer o que eu fiz sem querer. Mas, por outro, fez bem, pois ficou a saber que eu tinha dito a verdade. Agora, faça por se esquecer do que viu e ouviu. Como estas coisas não têm explicação, não tente explicá-las. E, para futuro, não se meta noutra, que lhe pode sair mais cara.

—Tem razão, doutor.

Estive muitos anos, mais de dez, sem voltar à vila de X e à aldeia de Y. A minha vida manteve-me ausente por longe do Minho e, até, de Portugal. Nunca, porém, deixei de cismar naquella casa fechada e abandonada que, num sabbado, à noite, sob um luar de Agosto, vira e ouvira em festa, em festa de espectros, com parte de um duplo crime de morte ante os meus olhos pávidos. Durante todo o tempo da minha longa ausência, nada soube nem quis saber do palacete assombrado do fidalgo assassino e suicida.

Um dia, enfim, voltei à vila de X e não quis deixar de ir à aldeia de Y para matar saudades. A pé, como outrora. Sôzinho, como outrora. Era no Verão, como das outras vezes. O mistério voltava a atrair-me, com a sua força inelutável e inefável. Estrada fora, não notei diferença de maior. Tudo se mantinha, mais ou menos, na mesma. Ao desembocar, porém, na avenida, surpreendi-me deveras. Do palacete assombrado não havia sequer vestígios. O muro baixo e gradeado, as enormes acácias e o restante arvoredo, tudo desaparecera. Operários de construção civil trabalhavam num prédio vasto de um só pavimento, com aspecto de fábrica. A antiga placidez eclipsara-se, por completo, substituída pela febril actividade dos pedreiros, carpinteiros, trochas. Abeirando-me de um operário, perguntei-lhe, de chofre:

— Não havia aqui uma casa fechada e abandonada?

— Acho que sim, mas ando na obra há pouco tempo e não sei o que era aqui.

Fui dar fundo no café do sr. Acácio. O dono morrera. Quem geria o estabelecimento, agora, era um filho. Abanquei a uma mesa, pedi o café e o bagaço e, enquanto os tomava, tratei de me informar acerca da casa fechada e abandonada.

— O meu falecido pai é que sabia dessas coisas. Parece que uma firma do Porto comprou o terreno e deitou a casa abaixo. Agora, estão a construir lá uma fábrica de telha. O pessoal da obra vem aqui muito.

— E a assombração?

— Ah, isso acabou. Uma vez, perguntei a um mestre de obras que vem cá de vez em quando e ele riu-se-me na cara. «Coisa ruim não tem perigo». Morreu o bicho, acabou a pegonha, meu caro senhor. Apesar de tudo, pelo que o meu falecido pai dizia, não gosto nada, mesmo nada, de lá passar. Às vezes, às duas por três, a coisa ruim pode voltar...

— Não, não creio que volte.

Voltei pelo mesmo caminho. Efectivamente, a sensação de mal-estar que, dantes, experimentava não voltara a apoquentar-me. O antigo hábito forçou-me a parar em frente da fábrica em construção, a mirar e remirar as paredes já erguidas, os operários que ainda formigavam por ali, na lufa do trabalho quotidiano. Como tudo era diferente daquilo que, muitos anos antes, tanto me impressionara! Que seria, feito dos fantasmas do fidalgo assassino e suicida, das suas vítimas, dos seus convidados? Para onde se teria deslocado o mistério da casa fechada e abandonada? Sei lá...